

A HISTORIOGRAFIA EGÍPCIA POR/DE JAROSLAV CERNY (1898-1970)^{*}

Margaret Marchiori Bakos^{**}

Resumo: O presente artigo, ao homenagear Jaroslav Cerny, propõe-se a examinar as incontáveis e relevantes contribuições por ele aportadas aos estudos de Egiptologia, em especial as suas investigações sobre a cultura e modo de vida dos moradores da vila de operários Deir el Medina, encarregados da construção de tumbas e templos no Vale dos Reis, Rainhas e Nobres, a partir das quais traçou micro-histórias desses personagens milenares.

Palavras-chave: Jaroslav Cerny; vila Deir el Medina; Egito antigo.

THE EGYPTIAN HISTORIOGRAPHY BY/OF JAROSLAV CERNY

Abstract: This paper aims, by honoring Jaroslav Cerny, to study the countless and relevant contributions of this researcher to the field of the studies on Egyptology, in particular his researches concerning the way of life and culture of the residents of the village of Deir el Medina, which were in charge of the construction of the tombs and the temples in the Valleys of the Kings, Queens and the Nobles, composing micro-histories of these characters.

Keywords: Jaroslav Cerny; Deir el Medina Village; Historiography of Ancient Egypt.

* Recebido em 12/03/2018 e aprovado em 10/05/2018.

** Professora permanente do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Bolsista sênior da Fundação Araucária; Bolsista de produtividade do CNPq; Professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Pós-doutora em Egiptologia (University College London).

1. Considerações preliminares

O presente artigo, à guisa de homenagem e reconhecimento, propõe-se a examinar as relevantes contribuições aportadas por Jaroslav Cerny para um conhecimento mais aprofundado do mundo egípcio.

Jaroslav Cerny (1898-1970), egiptólogo tcheco, dedicou sua vida ao estudo do antigo Egito. Havendo defendido, em 1910, sua tese de doutoramento, **A vida dos trabalhadores da necrópolis de Tebas**, ele, a partir de então, centrou seu trabalho investigativo em uma vila de operários do antigo Egito, denominada Deir el Medina. Extremamente capacitado, o ilustre egiptólogo em muito acrescentou à historiografia da vila, pois, graças à qualificada formação, aliada a um incansável trabalho de campo, passou a entrecruzar e articular as informações por ele obtidas, oriundas de diferentes fontes, possibilitando, com isso, um conhecimento mais aprofundado do modo de vida e hábitos dos moradores da vila.

Sua esmerada formação linguística e domínio de várias línguas vivas e mortas permitiram que decifrasse tanto, e principalmente, as escritas hieráticas, como também as hieroglíficas; sua extraordinária sensibilidade capacitou-o a questionar as fontes encontradas em meio às areias do deserto; a trazer à vida, como recomenda Michel de Certeau, através do levantamento de pequenos indícios, as falas de habitantes do antigo Egito. E é exatamente por suas condições e qualificações que ele está aqui sendo lembrado: Cerny é o primeiro historiador a realizar uma micro-história desses personagens milenares.

Deir el Medina foi uma vila fundada e habitada, por mais de quatro séculos, pelos trabalhadores da corte faraônica, construtores das tumbas e templos do Vale dos Reis, Rainhas e Nobres. O sítio encarregou-se de fornecer mais de uma centena de fontes para o estudo das atividades, mitos e costumes de seus antigos habitantes.²

Em 2000, Donald Redford, professor da Universidade da Pensilvânia, descreveu, durante o VIII Congresso Internacional de Egiptologia, realizado no Cairo, a situação da historiografia egípcia. Segundo o autor, de “todas as subdisciplinas entre as quais a Egiptologia está dividida, a historiografia tem sofrido, por longo tempo, o status de ‘primo pobre’” (REDFORD, 2000).

No que concerne especificamente à história da vila de Deir el Medina, pode-se partir de algumas sínteses consagradas pela historiografia, como a que se refere à identificação dos sentidos da criação da vila, tendo em vista a relevância que os enterramentos representavam para os antigos egípcios.

Eles acreditavam na existência de uma vida após a morte, se os corpos dos falecidos fossem protegidos por tumbas e se os vivos executassem os devidos rituais funerários. Daí o motivo pelo qual, durante o Antigo e o Médio Império, era costume enterrarem-se os faraós e pessoas representativas em pirâmides, construídas junto à capital, Mênfis, tais como as de Gizé – Quéops, Quefren e Miquerinos – hoje, ícones do antigo Egito. As pirâmides eram consideradas símbolos do raio solar, a maior divindade egípcia, e os enterramentos nesses monumentos constituíam garantia da passagem à vida após a morte.

Essa situação se alterou, não obstante, a partir da invasão do Egito pelos hicsos, por volta de 1640 a.C., quando os egípcios perceberam como a região do Delta era vulnerável aos ataques estrangeiros. Os hicsos, é preciso que se diga, venceram, por quase dois séculos, a resistência da XIII dinastia, criando dinastias paralelas à XV e XVI egípcias. Foi apenas durante a XVII dinastia que um príncipe da cidade de Tebas, Khamosis, conseguiu reunir forças de resistência suficientes para derrotar os Reis Pastores, cognome atribuído aos invasores, e destruir o seu reduto, Avaris, localizado no Delta. Na sequência, os príncipes vitoriosos de Tebas fundaram a XVIII dinastia e transferiram a capital para área tebana, ao sul do Egito, na fronteira com a Núbia, longe do Delta e de seus povos nômades. Ali, eles passaram a enterrar seus mortos no sopé das montanhas, sendo por elas protegidos. E isso, com outra vantagem, pois a forma piramidal de alguns lances da cordilheira constituía o contexto ideal para os enterramentos. Assim surgiram os Vales dos Reis, das Rainhas e dos Nobres. É importante frisar, mais uma vez, que toda essa região do Alto Egito é circundada por altas montanhas de pedra calcárea, com respeitáveis penhascos – dentre esses, o de El Qurn, cujo formato evoca o de uma pirâmide (ZIEGLER, 2012), pode ser admirado na sequência.

Deir el Medina situa-se no Alto Egito, em um pequeno e estreito vale, à margem esquerda do Nilo, em frente à cidade de Tebas, que se desenvolveu à margem direita do rio. A vila ocupava a área compreendida entre dois santuários: Karnak, ao norte, e Luxor, ao sul, distantes um do outro por aproximadamente 4 km, havendo permanecido com essa configuração por cerca de 450 anos, o que abarca o período da XIX e XX dinastias. Sua fase de maior prosperidade ocorreu durante a XIX dinastia.

Ahmosé I (1560-1520), filho de Khamosé, o faraó vencedor, foi sucedido por Amenófis I, um dos artífices da nova fase imperial, razão pela qual é considerado o patrono da vila de Deir el Medina, juntamente com sua mãe, Amósís Nofretari.

Fig. 1



Forma piramidal das montanhas de calcário da região tebana.
(Foto da autora)

Entretanto, tudo indica ter sido Tutmés I, o 3º rei da XVIII dinastia – mesmo sem pertencer à família real, mas comandante vitorioso do exército –, o verdadeiro fundador de Deir el Medina em 1540 a. C.

Nos tempos faraônicos, os construtores da vila chamavam o povoamento de – *pademi* – o que significa “a vila” (VALBELLE, 35, 1985, p. 114). Mas a designação oficial mais comum para a área da necrópolis real, incluindo o povoado da vila como uma unidade administrativa, era *SET MAAT* (St M3’’’t), lugar da verdade, e *Pakher* (p3 Hr), lugar da verdade e *P3hr* (CERNY, 2001, p. 66-67).

Como há, atualmente, um consenso na historiografia sobre a forma como ocorreu esse processo, que vai da expulsão dos hicsos à fundação de Deir el Medina, inicia-se a reflexão dando este fato como posto.

A decisão em relação ao local a ser escolhido para a construção da tumba de Tutmés I foi um marco religioso e fator determinante para a definição do lugar de habitação dos operários da vila de Deir el Medina.

O filho do faraó Tutmés II era casado com sua meia-irmã, Hatsepsut, que, por vinte anos, usurpou o direito ao trono de seu filho, Tutmés III. Hatsepsut, que se autointitulava faraona por direito divino (ZIEGLER, 2012),

além de construir o fabuloso templo de Deir el-Bahari, estabeleceu conexões econômicas jamais articuladas até então entre o Egito e seu entorno geopolítico, iniciando a fase imperialista egípcia, posteriormente levada ao extremo por seu enteado, Tutmés III, cognominado o *Napoleão do Egito*.

Nesse contexto, vale ainda destacar a relevância do papel desempenhado por Horemheb, sucessor de Tutankhamon, para a história da vila de Deir el Medina, pois foi ele quem se encarregou de refazer o sítio após um longo período de abandono, quando a corte de Akhenaton se exilou em Amarna, capital por ele construída (1553-1335 a.C.).

Os egiptólogos Bernard Bruyère (1870-1971) e Leonard Wooley (1880-1960), segundo informações de Cathleen Keller (1945-2008), constataram que, durante o período de construção de Amarna, os melhores trabalhadores de Deir el Medina foram levados para lá, o que pode ser comprovado pelo reduzido número de tumbas construídas nessa época em Medina e pela parca opulência desses monumentos. Da mesma forma, são essas edificações que dizem do lento retorno desses trabalhadores de Amarna para a vila (KELLER, 1971, p. 24).

No início do reinado de Ramsés III (1194-1163 a.C), há fortes indícios da decadência do local, como sinaliza a rápida ascensão do valor dos cereais, segundo Keller (1945-2008) (KELLER, 1971, p. 32). Essa egiptóloga, visitada pela autora deste artigo na Universidade de Berkeley (USA), sendo especialista em história da arte, foi capaz de individualizar as características de cada um dos pintores da vila. Desse período, resta, inclusive, um censo, revelando a presença de 120 lares e de mais ou menos 1200 habitantes na vila (TOSI, 1972, p. 2). Em Deir el Medina, inúmeras relações cronológicas podem ser estabelecidas, atualmente, a partir do levantamento do registro dos nomes de operários em óstracos e papiros.

Na fase egípcia de dominação macedônica, foi construído por Ptolomeu V (205-180 a.C), na área da vila, um templo em honra à deusa Hathor. Essa edificação, no decorrer da fase romana cristã (séc. IV-VII d.C), transformou-se em um mosteiro, que, com a conquista dos árabes muçulmanos, foi encoberto pelas areias do deserto. A edificação foi trazida a lume ao ser incluída em um mapa sobre o Egito antigo, confeccionado pelo Padre Claude Sicard (1677-1726). O primeiro objeto com procedência identificada de Deir el Medina foi encontrado em 1777, no mercado de antiguidades, havendo sido adquirido por um monge italiano.

Graças ao papel desempenhado pelas areias na conservação da vila, poucos sítios arqueológicos do Egito faraônico permitem atualmente uma evocação visual tão clara e evidente de seu passado como Deir el Medina (BAKOS, 2009), um lugar pequeno de apenas 1 ½ hec, hoje totalmente escavado.

2. Historiografia de Jaroslav Cerny

A complexidade que envolve a análise historiográfica da obra produzida por Jaroslav Cerny, objeto de estudo deste artigo, leva à apropriação de uma longa citação do consagrado egiptólogo Donald Redford:

É com algum receio que eu abordo a tarefa de sugerir, como um tipo de porta-voz para historiadores, quais tópicos devam ser incluídos e adequadamente tratados ao se escrever hoje a História Egípcia.

Outros ramos de nossa disciplina podem se prestar a ser representados por porta-vozes, mas a historiografia é uma atividade tão individual que eu corro o risco de apresentar uma lista altamente pessoal de assuntos desejados. Pois, uma vez que a tarefa de juntar e analisar os dados está terminada, tarefa comum a todos os escritores de História com a metodologia básica envolvida, a seleção final e a composição do material possuem o inconfundível selo do estilo particular do autor, da personalidade e dos seus antecedentes. (REDFORD, 1934, p.3)

Donald traduz melhor o seu pensamento ao lançar mão de sua prática historiográfica:

No “estágio de escrita” o coletor de dados transforma a si mesmo em um historiador. Motivação de interesse pertinente somente a considerações psicológicas ou sociológicas leva determinado autor a acentuar esta ou aquela época, este ou aquele fator (econômico, religioso, político), ou aplicar esta ou aquela construção metodológica. (...)

Consequentemente, é com estágio preliminar da coleta e análise de dados que nosso comentário importa principalmente a eles, e somente, secundariamente com aquilo que pode ser chamado de filosofia da história e a motivação dos historiadores.

O resultado parecerá invadir uma variedade de campos de questionamentos que são domínios de outros, por exemplo, arqueologia, epigrafia, religião e outros tantos.

Em realidade, entretanto, o historiador, em virtude da amplitude de seu próprio conhecimento, reclama estas para si próprio. Ele pode muito bem parecer atrevido; mas se ele tenta escrever uma história de toda uma civilização, isto é necessário. (REDFORD, 1979, p. 3)

Em se tratando de Cerny, cabe assinalar que ele acumulava aptidões e funções de vários especialistas: arqueólogo; epigrafista; historiador competente, o único à época, das religiões e das artes; geógrafo; sociólogo; filólogo e antropólogo, mesmo antes de essas disciplinas haverem sido formalmente criadas, e de muitas outras.

Lembre-se que, face à antiguidade e situação de abandono da vila, a escrita da história de Deir el Medina dependeu inicialmente do trabalho dos arqueólogos, que resgataram penosamente das areias os registros deixados por seus antigos habitantes, os quais, após um exaustivo processo de transliteração por parte dos egiptólogos, relataram fatos daqueles tempos distantes.

Na sequência, após uma breve apresentação dos arqueólogos que participaram das escavações iniciais na vila, apontam-se aqueles que de imediato passaram a participar do processo de leitura das fontes encontradas, contextualizando o ingresso de Jaroslav Cerny, que também trabalhou no sítio em atividades de cunho arqueológico.

3. Arqueólogos que “descobriram” Deir el Medina

Ao longo dos últimos dois séculos, inúmeros arqueólogos trabalharam em Deir el Medina. Dentre eles, em primeiro lugar, é preciso destacar a obra monumental³ produzida sobre a vila por Bernard Bruyère (1870-1971), que visitou o Egito, pela primeira vez, em 1910. Em 1921, Bruyère começou a participar do Instituto Francês do Cairo e, nesse mesmo ano, deu início às escavações em Deir el Medina (BIERBRIER, 1995, p. 69), sítio sobre o qual produziu mais 17 volumes (BRUYÈRE, 1924) relatando o trabalho lá desenvolvido.

Mas, em realidade, como já se assinalou anteriormente, a história da historiografia na região é mais longa. Depois da batalha de Waterloo, em

18.06.1815, quando a paz passou a reinar na Europa, o Egito virou moda, tornando-se o destino privilegiado de viajantes, cientistas e comerciantes. Assim, muitos curiosos e estudiosos começaram a frequentar esse ambiente, dentre os quais alguns merecem identificação devido ao relevante papel desempenhado no desenvolvimento da egiptologia.

Um deles é Bernardino Drovetti (1776-1852), diplomata francês de origem italiana, que, ao pressentir o interesse dos europeus pelas antiguidades egípcias, procurou ser nomeado vice-cônsul em Alexandria, em 27.10.1802, permanecendo no Egito até a chegada de seu sucessor em 20.06.1829.

Desde 1811, gozando de sua influência junto a Muhammed Ali, Drovetti dedicou-se à busca de peças em Tebas, algumas adquiridas por Lepsius, por ele autenticadas, comprovadas e enviadas à Europa para a formação de três grandes coleções: a da Itália (Torino); a da França (Paris) e a da Alemanha (Berlim) (BIERBRIER, 1982, p. 171).

Um outro nome é o de Giovanni Battista Belzoni (1778-1823), um aventureiro nascido em Padova, que, conhecendo em Malta um agente de Muhammed Ali, acreditou ter assegurado trabalho no Egito, em virtude de seus conhecimentos sobre hidráulica. Lá chegando, nessa especialidade não vislumbrou futuro, havendo se projetado, não obstante, em escavações arqueológicas, participando, por exemplo, na descoberta da tumba do rei Tutankhamun, localizada à margem oeste de Tebas (BIERBRIER, 1995, p. 40). Embora sua forma rude no tratamento das antiguidades tenha lhe valido inúmeras críticas por parte dos arqueólogos, a verdade é que as peças por ele coletadas estão hoje até no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, compradas por obra e interesse de D. Pedro I (BAKOS, 2004). Esse precioso acervo foi quase totalmente destruído no deplorável incêndio que consumiu o Museu em 2018.

Já Richard Lepsius (1810-1884), havendo realizado cursos em arqueologia grega na Universidade de Leipzig, na chefia de uma expedição da Prússia, deu início, em Paris, ao estudo da egiptologia e, a partir da publicação da gramática de Champollion, começou a dedicar-se ao exame dos hieróglifos. É de sua lauda a famosa carta a Rosellini,⁴ na qual aceita o sistema de decifração desenvolvido por Champollion. Ele é responsável pela *virada do jogo da egiptologia*, com a admissão, pela primeira vez, de que alguns sinais empregados eram fonéticos, comprovando definitivamente o uso e a natureza dos sinais silábicos e de suas relações, em certos aspectos, com o óptico (BIERBRIER, 1995, p. 249).

Auguste Mariette (1821-1881), outro nome de destaque, fundou, em 1815, o Serviço Francês de Antiguidades.⁵ Seu interesse pela egiptologia iniciou quando sua família recebeu a herança de um parente, Antoine l'Hôte (1804–1842), egiptólogo francês que gostava de desenhar monumentos egípcios. Mariette foi então para o Egito, onde participou de escavações e fez a descoberta do Serapeum, o que o tornou mundialmente famoso. Em 1863, inaugurou o Museu Egípcio de Antiguidades em Bulaq (BIERBRIER, 1995, p. 275). Neste ínterim, precisou defender-se das acusações de Flinders Petrie (1853-1942), que afirmava serem suas expedições um grande negócio.

Cabe menção também ao nome de Gaston Camille Charles Maspero (1846-1916), cuja primorosa formação acadêmica em egiptologia foi motivada por Mariette, que despertou seu interesse pelo tema quando tinha apenas 14 anos. Foi ele, aliás, quem lhe ministrou os primeiros ensinamentos sobre os hieróglifos. Havendo visitado o Egito em 1880 como chefe de uma missão arqueológica do Instituto Francês de Arqueologia, coube a Maspero assumir a direção do Bulaq, sucedendo a Mariette. É de sua autoria a primeira edição dos **Textos das Pirâmides**. Generoso, realizou numerosas publicações, tornando-se, segundo Bierbrier, o mais importante egiptólogo de sua época (BIERBRIER, 1995, p. 188).

Outro nome a destacar é o de Howard Carter (1874-1939), desenhista e famoso arqueólogo, responsável pela descoberta de diversas tumbas no Vale dos Reis, dentre as quais a mais célebre: a de Tutankhamon.

Nessa mesma direção, merece ainda ressaltar o importante trabalho empreendido – no início do séc. XX, entre os anos de 1911 e 1913 – por uma equipe alemã sob a direção de Georg Moller (1876-1921).

O primeiro trabalho arqueológico realizado em grande escala na vila de Deir el Medina foi dirigido por Ernesto Schiaparelli (1856-1928),⁶ o que lhe valeu reconhecimento internacional (BIERBRIER, 1995, p. 377-378). Já as escavações mais recentes lá empreendidas ficaram ao encargo do Institut Français d'Archeology Orientale, havendo sido iniciadas em 1917, sob a direção de Bernard Bruyère (1879-1971).⁷

São poucos os textos que fornecem informações sobre os operários que construíram as pirâmides, mas há muitos sobre a vila de Deir el Medina, principalmente graças aos 40 anos de trabalhos de Bernard Bruyère e sua equipe, como bem destaca Madeleine della Monica (MONICA, 1973, p.

6). Em 1925, juntou-se à equipe francesa um filólogo de origem tcheca, Jaroslav Cerny (1898-1970).

O primeiro livro – encontrado pela autora deste artigo na Biblioteca do University College London – sobre os trabalhadores da vila de Deir el Medina foi o escrito por Madeleine Della Monica.⁸

Diz a referida investigadora na *Introdução* de sua obra:

Se nós possuímos muito poucos textos sobre os trabalhadores que construíram as pirâmides (2600-2480 a.C.), nós possuímos, em revanche, o encontro de uma vila de trabalhadores que construíram e decoraram as tumbas reais (1586-1090 a.C.). Essa nos permite recolher mais informações sobre a vida dos trabalhadores sob o Antigo e Médio Império. Assim que foi a vida nessa pequena vila o que nos revelaram pouco a pouco as escavações feitas, na maioria das vezes, por pesquisadores franceses, sob a direção de Bernard Bruyère. (MONICA, 1975, p. 7)

Como se pode ver, a vila de Deir el Medina foi construída em razão da necessidade de busca de um local mais protegido para o enterramento dos principais mortos egípcios, os faraós e sua família.

4. Jaroslav Cerny em 1925

Devido às origens e finalidade, a pesquisa sobre Deir el Medina prosperou, mas houve, é preciso que se diga, alterações de percurso nessas progressões. A primeira delas foi em direção à recuperação de micro-histórias relativas à vida de seus antigos moradores, uma virada em relação à historiografia da vila. Esse novo direcionamento data de 1925, ocasião em que Jaroslav Cerny (1898-1970)⁹ viajou ao Egito pela primeira vez, na condição de estrangeiro, a convite do Instituto Francês de Arqueologia Oriental (IFAO) (BIERBRIER, 1995, p. 89).¹⁰ Nesse período, o pesquisador participou de escavações realizadas em Deir el Medina por Bernard Bruyère (1842-1919), George Posener (1906-1988) e outros estudiosos. No mesmo ano, Cerny visitou as tumbas de Assuã e o obelisco inacabado (30.12.1925). Em 06.01.1926, registrou o fato de haver copiado papiros fragmentados de Turim, descobertos por Schiaparelli (1856-1928) em Deir el Medina. Cerny, contando então 28 anos, relatou em cartas seu cotidiano

na vila, os novos conhecimentos adquiridos e a rede de relações que vinha estabelecendo com pessoas muito eruditas.

No museu, conviveu com Vladimir Golenicheff (1856-1947), egiptólogo russo e seu vizinho de quarto, que dominava o conhecimento dos cuneiformes e dos hieróglifos, e era professor na Universidade do Cairo. Com ele, Cerny discutia a gramática egípcia, surpreendendo-se com as críticas de Golenicheff a Erman (1854-1937) e a Kurt Sethe (1869-1934). Tem-se conhecimento sobre essas querelas através das inúmeras cartas por ele enviadas principalmente a Lexa (1876-1960) e a Zaba (1917-1971). Ele estabeleceu fortes laços de amizade com Gustave Lefèbvre (1879-1957), especialista em papiros gregos, que lhe prestou muita ajuda, pois, como inspetor do Serviço de Antiguidades Egípcias, possibilitou-lhe o acesso a mais de 70 peças de óstracos em hierático, peças posteriormente traduzidas com perfeição por Cerny. No desenvolvimento desse estudo, Cerny percebeu que as diferenças entre as suas transcrições e as feitas por Daressy (1864-1938) eram tantas, que desqualificavam as traduções desse último (RUZOVA, 2010, p. 195). Lefèbvre, desgostoso, queixou-se a Cerny sobre o sumiço de muitos óstracos – e mostrando-lhe uma caixa deles, pediu-lhe que fizesse a tradução.

A rotina de Cerny consistia em, pela manhã, realizar pesquisas no Museu do Cairo e, pela noite, desenvolver estudo na IFAO. Em dezembro desse ano, conseguiu quarto e refeições por preços reduzidos no Instituto – 12 a 13 libras por mês (RUZOVA, 2010, p. 195). A proximidade com a biblioteca tornava sua vida mais fácil e permitia-lhe retirar livros emprestados. Além disso, participava também das escavações em Deir el Medina. Em 27.12.1925, viajou para o Alto Egito em companhia de Bernard Bruyère (1879-1971). Em Deir, segundo relatos seus, vivia em uma casa construída por Schiaparelli. Entre os anos de 1922 e 1951, Bernard Bruyère dedicou-se às escavações na vila, acompanhado por Cerny e Georges Posener.

Em detalhada carta, datada de janeiro de 1926, enviada ao ex-professor Frantisek Lexa (1876-1960), Cerny assim expõe seus objetivos:

(1) Fazer um plano das tumbas no Vale das Rainhas junto com os grafites não publicados que ele havia descoberto no vale.

(2) Copiar os grafites das rochas do Vale dos Reis, publicados por Spiegelberg, com vistas a completar com alguns que ele tivesse omitido; Winlock, que escavou em Deir Bahari e cujo contato com ele fiz, ofereceu-se para emprestar a publicação de Spiegelberg.

(3) *Fazer uma descrição da vila dos trabalhadores, a qual está parcialmente encoberta e está no vale em frente a nossa casa. Foi escavada pelos alemães, Schiaparelli e Gaulthier, mas nunca foi publicada.*

(4) *Copiar o calendário e textos de oferendas em Medinet Habu, com vistas a comparar com o papiro Harris; depois, as fotografias e cópias dos filhos de Ramsés III, importantes para a cronologia da XX dinastia.*

(5) *Editar tudo o que for descoberto em hierático no curso das escavações do instituto na tumba de Deir el Medina. Não há muito, mas alguma informação oferece algum interesse. (CERNY, 1973, p. 196)*

Na conclusão dessa correspondência, Cerny torna claro que está trabalhando com documentos em escrita hierática, mas que se ocupa também de topografia e arqueologia. São palavras suas:

Eu caminho através das necrópolis tebanas; assim, quando estou escrevendo o meu livro, tenho minha opinião sobre todas as localizações. Além do meu trabalho principal, estou juntando fragmentos de estátuas, inscrições, sarcófagos, vasos canópicos, relevos, os quais eu guardei de diversas lojas. Eu engatinhei através de tumbas diariamente, inalei poeira, há mais trabalho que suficiente. (CERNY, 1973, p. 197)

Feliz no Egito, mas apreensivo com o que vivencia, ele assim se expressa sobre as atividades dos estrangeiros em Deir el Medina:

Quando meu amigo Bruyère trabalha no santuário da deusa Meretseger no Vale das Rainhas (...) Eu sei agora por certo que a maior parte dos objetos da coleção do Museu de Turim, comprados por Drovetti (1776-1852), vieram de Deir el Medina (...) depois a vila se tornou uma mina de ouro para os árabes (...) Então Schiaparelli (1856-1928) veio, depois os alemães (Miller), finalmente Norey, e então apenas restos foram deixados para nós. (CERNY, 1973, p. 198)

Em artigo publicado em 1963, Cerny discute a historiografia egípcia – a partir da classificação das informações sobre a História do Egito Faraônico – como original, de cunho privado ou não. Para os egípcios, explica Cerny,

havia uma linha divisória bem “afiada” de delimitação entre o público e o privado, assinalada pelo uso de dois tipos de escrita, o hieroglífico e o hierático. Os primeiros, os hieróglifos monumentais, eram utilizados em locais acessíveis aos passantes, se eles fossem naturalmente *alfabetizados*. Isso, em teoria, como bem explica Cerny, pois, na prática, muitos desses lugares eram acessíveis a poucas pessoas, “em geral só aos mortos” (CERNY, 1973, p. 3).

Já os textos em hierático, escritos no papiro, couro, tábuas de madeira e óstracos, eram de uso privativo da população. Eventualmente, havia uma sobreposição dos dois tipos. Os trabalhos literários de qualquer natureza, embora escritos em papiros e em hierático, pois contavam com o maior número possível de leitores, constituíam uma categoria distinta.

Segundo Cerny, os egípcios foram o primeiro povo da Antiguidade, posteriormente seguidos por outros do Oriente Próximo, cuja história teve que ser reconstruída pelos estudiosos modernos a partir de praticamente “rabiscos”. Ele destaca que, muitas vezes, os autores clássicos fazem afirmações contraditórias, confusas ou paradoxais sobre o Egito antigo (CERNY, 1973, p. 3).

Cerny ressalta que a única história do Egito escrita em uma língua clássica foi a redigida por Manethon (séc. III a.C.), que contou com a vantagem de ele conhecer a língua e ter feito o relato a mando do rei Ptolomeu II com objetivo expresso de prestar informações a seu povo sobre suas conquistas. Manethon dividiu os faraós do Egito em dinastias e organizou os governantes em ordem cronológica, para que Ptolomeu pudesse compreender um pouco mais a história egípcia.

Crítico contundente dessa listagem de nomes realizada por Manethon, Cerny considera-a simplesmente como equivalente à ossatura de um corpo:

A “carne” para este esqueleto terá que ser laboriosamente extraída e colecionada dos monumentos egípcios tornados disponíveis para pesquisa pela decifração da escrita e linguagem por Champollion.

Ao falar de suas atividades, Cerny confessa seu esforço para primeiro, literalmente, cavar em busca de monumentos que contivessem escrita; na sequência, demonstrar a contribuição, nesse conjunto de descobertas, dos documentos privados. Nessa perspectiva, alerta sobre os problemas referentes ao uso dos escritos encontrados, devido:

- 1) à escassez de documentos existentes por estarem inscritos em materiais frágeis, os papiros, de difícil conservação, mesmo no clima seco do Egito; assim, seu número é limitado; além disso, muitos deles são encontrados aos pedaços, porque rasgados para venda aos colecionadores;
- 2) à carência de documentos (dentre os encontrados) que sejam datados ou contenham referências, por exemplo, aos nomes dos reis, etc.;
- 3) à dificuldade de compreensão das mensagens, pois o fato de os documentos localizados possuírem um conteúdo evidente e claro para os antigos missivistas, leva-os à omissão de detalhes que, se presentes, facilitariam a leitura e compreensão por parte do historiador.

Nessa direção, Cerny sugere que, para se ter certeza das fontes, sejam utilizados apenas textos que contenham dados de natureza astronômica.

A pesquisa com documentos não oficiais e privados demonstrou, segundo Cerny, a sua importância muito grande, ajudando a preencher lacunas na cronologia da XX dinastia, por exemplo. Os documentos oficiais mostram as tendências gerais: o grande perigo das invasões estrangeiras sob Ramsés III, a fraqueza dos últimos Ramsés e o crescimento do poder dos altos sacerdotes de Amon, por exemplo, mas eles formam um esqueleto nu. Para desfazer os “nós históricos” foi preciso o encontro de documentos que falavam do dia a dia.

Assim são os documentos privados que auxiliam a entrar nos meandros dos fatos e a ver a história acontecer no íntimo das estruturas magnas, sejam elas de ordem econômica ou política.

No tempo de Herihor e Piank, altos sacerdotes que disputavam o poder em Tebas, teve origem uma correspondência de cerca de 50 cartas trocadas entre Dhutmose e Butehamun. Eles, pai e filho, eram escribas da Tumba do Rei em Tebas e, certamente, contemporâneos. Nessas cartas, Piank aparece frequentemente designado como o “senhor” dos dois escribas. Já Dhutmose assinava as cartas com um nome diferente, que Cerny descobriu ser um apelido carinhoso de família – Tjaroj.

Cerny copiou todas essas cartas, redigidas no linguajar de Deir el Medina – o novo egípcio; organizou, a partir dos novos termos criados pelos antigos egípcios, uma gramática, que denominou de **A late Egyptian Grammar**, o que permitiu o trabalho de transcrição dessas missivas. Todas elas

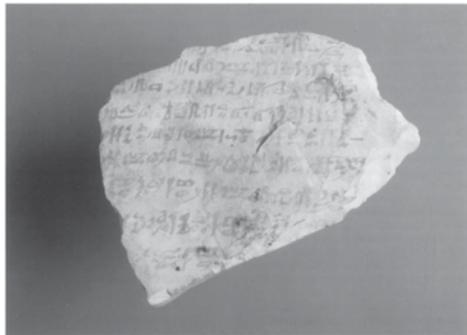
foram posteriormente traduzidas para a língua inglesa por Edward Wente, que as publicou no livro **Letters from Ancient Egypt** (WENTE, 1990). Após a XXI dinastia, o fluxo de documentos privados em papiros cai quase completamente.

Cerny logo percebeu a relevância dos óstracos para a reconstituição da vida privada dos antigos egípcios. Em seu caderno de campo, descreve a rotina dos escribas, que anotavam todas as ocorrências importantes em óstracos, jogando-os fora apenas quando já haviam feito cópias dessas informações em papiros (CERNY, 1973, p. 226). Os escribas viviam junto com os trabalhadores, e suas tumbas também eram muito próximas. Foi coletando os indícios por eles deixados que Cerny começou a construir as genealogias dos escribas, como, por exemplo, a de Neferhotep, Paneb e Khons, Pashed, Baki (CERNY, 1973, p. 213-315).

Jac Janssen (1997), que organizou um dos mais importantes livros, **Vozes da Vila** (1997), sobre a comunidade de trabalhadores da necrópolis de Tebas durante o Novo Reino, prestou um tributo à memória de Jaroslav Cerny, seu professor, não apenas por tê-lo introduzido na pesquisa sobre essa comunidade, mas também por continuar sendo o grande mestre no que concerne ao conhecimento do tema.¹¹

E esse caderno de campo, guardado no Griffith Institute, em Oxford, continua sendo ferramenta indispensável para quem se propõe a trabalhar com os óstracos de Deir el Medina. É da lavra de Cerny, inclusive, a própria denominação *ostracologia*.

Fig. 2



Óstraco da Coleção de Praga com escrita em hierático.

5. Óstraco da família de Dhutmose

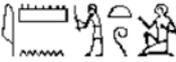
Os mais inusitados conhecimentos de que se dispõe sobre a vila de Deir el Medina chegaram até os dias de hoje, segundo palavras de Jaroslav Cerny (1928, p. 205), através do encontro de um óstraco, escrito em hierático e localizado nas montanhas de Tebas (CERNY, 1928).

Nesse fragmento de pedra, Dhutmose, um escriba, presta informações sobre sua família, inclusive sobre seus ancestrais. As inscrições feitas por Dhutmose, um dos achados mais significativos encontrados e decifrados por Jaroslav Cerny, datam do ano 18, primeiro mês da estação do inverno, dia 18 de Ramsés XI (1098-1070 a. C.). Elas fornecem dados como os que seguem:

(1) O escriba Dhutmose  filho de

(2) O escriba Kha'emhedje  filho do escriba

rei Harshire  filho de

(3) O escriba Amennakhte 

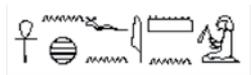
A partir desses dados, Cerny obteve uma sequência ininterrupta de seis escribas, pois o filho e o neto de Dhutmose também se tornaram **escribas reais**, denominados, respectivamente, como:

Butehamun



e

Ankhefenamun.



Cerny também descobriu que Amenenakhte, colocado por Dhutmose como o cabeça de seus ancestrais, era filho de um patriarca da vila:

 Ipuy.

A data da indicação de Amennakhte como escriba marca o início do reinado de Ramsés III (1194-1163 a.C.). Com um nome bastante comum, ele sempre é referido na correspondência como Amennakhte, filho de Ipy, o escriba (CERNY, 1973, p. 342).

Amennakhe teve nove filhos. Todos foram, em várias ocasiões, designados como escribas, mas somente um se tornou o *escriba da Tumba*, o sucessor do pai: ele se chamava Harshire e era, provavelmente, o mais velho de todos os irmãos.

O neto de Harshire, também *escriba da tumba*, *Dhutmose*, devido à sua preocupação em registrar o nome de seus ancestrais no óstraco, legou contribuições valiosas para o conhecimento da história de Deir el Medina, ao configurar, por exemplo, as formas de transmissão de ofícios, ou ao demonstrar sua preocupação com o bem-estar de seus familiares, o que fica atestado em correspondências por ele enviadas a amigos e companheiros de trabalho, sempre que se ausentava da vila: elas, agora, prestam prestimosas informações sobre as condições e o modo de vida daquela comunidade.

Essas cartas, grafadas em língua neogípcia desenvolvida durante o Novo Império, levaram Cerny à organização de uma gramática específica dessa escrita.

Sobre essa pesquisa, Cerny confessou, em 1939, que:

Nos fragmentos ainda podem ser encontradas 11 duplas onde ainda os nomes de ambos os cônjuges podem estar presentes. E os nomes de ambos os parentes de marido e mulher preservados; em todos os casos, então que...

A partir de outros achados *únicos*, como, por exemplo, um texto, por ele denominado **As vontades de Naunakhte** (CERNY, 2002, p. 01-15), Cerny obteve informações sobre uma mulher livre durante a XX dinastia, que não era serva nem escrava. Ela foi casada, primeiramente, com o escriba Kenhikhopshef, que a deixou viúva e sem filhos. Na sequência, ela se casou com o trabalhador Khaemnun, com quem teve oito filhos.

Pelo método indiciário adotado na análise do papiro, usado inclusive na busca de partes do mesmo, pois ele apresentava-se fragmentado, Cerny descobriu que ela havia deixado sua herança a apenas quatro dos filhos, deserdando os outros e o próprio marido. É de se perguntar: como tal fato pode ter ocorrido há cerca de 1200 a.C.?

O encontro de respostas a questões como essa por si só justificaria a inscrição, de forma indelével, do nome de Jaroslav Cerny como egiptólogo e investigador: para além das areias do deserto, onde a trama aconteceu, ele foi capaz de incorporar a vida dessa mulher à história da humanidade: “eles não haviam cuidado dela na sua velhice”.

Cerny descreve suas experiências cotidianas do trabalho de maneira muito viva e espontânea. Em alguns momentos, seus relatos – como ressalta Ruzova, que publicou as referidas cartas em um belíssimo livro, **O escriba no lugar da verdade** – lembram as aventuras de Indiana Jones:

Na semana passada, os trabalhadores descobriram um poço, isto é, um lugar em que as múmias eram guardadas. Quando a passagem ficou suficientemente larga, Bruyère e eu descemos por ela com uma vela, papel, lápis e uma fita métrica em nossas mãos. Dentro havia algumas pedras, um pouco de terra e múmias quase até o topo; assim, tivemos que engatinhar apoiados nos joelhos, barrigas ou costas. Me apoiando em minhas mãos, eu estava todo o tempo me batendo em alguma múmia, ou ainda principalmente no torvelinho do pó de múmia, o qual exalava mau cheiro e provocava zumbido. É muito difícil para nós o contexto e com calor tão grande que o suor nos encharcava.

Embora mais forte fisicamente que eu, Bruyère algumas vezes cuspiu sangue. Assim, eu passei bem. Depois que fizemos a inspeção, os trabalhadores fizeram a limpeza do local. Eles conseguiram separar um número de objetos mais ou menos bem preservados. Entre eles, alguns “scarfs – trapos” que continham os nomes do dono da tumba e do seu filho (depois que conseguimos passá-los a ferro). Meus óstracos descobertos na tumba 6 confirmaram os dados. Essas eram as fontes pois as estelas tinham sido levadas para os museus de Turim, Louvre e Londres. (RUZOVA, 2010, p. 198)

O egiptólogo inglês Alan Gardiner (1879-1963) desempenhou um relevante papel na vida de Cerny, principalmente devido ao apoio financeiro por ele aportado às suas pesquisas. A correspondência trocada entre eles configura-se como um *corpus* de excepcional relevância, pois registra quase 40 anos de permuta de informações e experiências, contendo dados preciosos para a história da Egiptologia. As primeiras missivas preservadas

datam de 1924, e as últimas são dos anos 60. Cerny enviou a Gardiner cartas do Egito (Cairo, Luxor e Núbia) até o ano de 1946; de Praga, entre os anos de 1943 e 1945; de Londres, como catedrático Edwards; e durante suas viagens pela Europa, para as residências do amigo em Londres e no interior, e, finalmente, para a sua casa em Oxford.

Transcreve-se, na sequência, uma importante correspondência de Cerny, enviada do Cairo ao amigo inglês em 17.02.1933, e publicada por Jirina Ruzova em sua excelente biografia sobre Cerny:

Caro Gardiner:

Eu deveria ter respondido de Deir el Medina quando sua gentil carta me chegou, mas ela tinha tantas questões sobre óstracos no Cairo que eu fui obrigado a lá voltar. Estou novamente muito ocupado com os óstracos, ambos do Museu e do Instituto. Com as peças do museu, o 3º volume está agora sendo impresso, o quarto está pronto e eu estou trabalhando no quinto (e último, espero). No que se refere aos de literatura, eu encontrei, surpreendentemente, poucos deles: um de Lansing, um de Amenemope, poucos fragmentos (...) e um que desconheço. Como acredito que possa ser útil para sua miscelânea, eu o incluí entre as cópias enviadas(...)

Cerny explica ao inglês sobre um óstracon que ele encontrou em uma pequena cesta num quarto sujo do Museu junto a outros em hierático e demótico:

(...) eu trouxe para o Cairo, de Luxor, [contando que encontrou nas vitrines de vendas de antiguidades dois outros fragmentos juntos ao outro] e dado o texto, com dificuldade para ler, estou enviando a você para o seu uso. Por favor, olhe se há diferenças (SIC) entre a sua cópia e a minha, e deixe-me saber para que eu possa examinar as peças novamente.

Fala da grande quantidade de trabalho que tem e que foi obrigado a pegar um colaborador, Posener, um jovem e inteligente francês egiptólogo.

Nós colocamos ordem no material e estamos trabalhando juntos desde então, juntando os fragmentos e copiando os textos. Eu tenho pego textos não literários, religiosos e óstracos com magia. Nós

naturalmente vamos lhe comunicar sobre todos os textos que podem lhe interessar. Até agora Posener está ocupado com os textos mais fáceis (para transcrever), especialmente Instr. Am I e Duauaf. Por favor, dê os cumprimentos a Mrs. Gardiner e acredite em mim.

Seu sinceramente,

*Jaroslav Cerny*¹²

Jaroslav Cerny foi, durante grande parte de sua vida, um homem sozinho, até que, finalmente, em 1951, casou-se com Máňa.

6. Apontamentos finais

Jaroslav Cerny, em que pese o longo tempo investido em suas investigações e nas incontáveis viagens ao Egito, ministrou também diversos cursos e desempenhou outras atividades: em 1926, juntamente com Lexa, o primeiro seminário sobre egiptologia em Praga, investindo esforços, a partir de 1928, no desenvolvimento do projeto de criação de uma biblioteca especializada na Charles University; em 1950, foi convidado por universidades americanas para ministrar aulas, e também pela Oxford, Inglaterra, onde já dava aulas sobre as linguagens do Novo Reino, hierático e cóptico; em 1952, escreveu sua aula inaugural *Ancient Egyptian Religion*, até hoje uma leitura obrigatória a todos os interessados e estudiosos de egiptologia; em 1958, quando Lexa criou o Instituto Tchecoslováquio de Egiptologia em Praga e no Cairo, Cerny, que havia levado seus livros para a Inglaterra, trouxe-os então de volta em 1960, fazendo deles o núcleo de uma excelente biblioteca.

Diante de sua elogiável performance como investigador e egiptólogo, em 1968 a mais importante publicação de Egiptologia no reservado mundo anglo-saxônico, **The Journal of Egyptian Archaeology**, editado pela Egypt Exploration Society, abriu um espaço muito significativo para homenagear a Jaroslav Cerny: um volume específico sobre a obra do autor tcheco.

Os organizadores do *volume 54*, ao celebrarem carinhosamente o 70º aniversário de Jaroslav, tiveram o cuidado de convidar egiptólogos de “muitas terras” para participarem da publicação, contando, além disso, com o auxílio de voluntários do Queen’s College, Oxford, e outros que, juntamente com a Universidade de Memphis, organizaram seleta bibliografia produzida por Jaroslav Cerny.

Assim, a edição n. 54 do **Journal of Egyptian Archaeology**, publicada em 1968 e dedicada a Jaroslav Černý, contém a bibliografia por ele produzida até 1967, possibilitando a quantificação de suas inúmeras publicações.

Além disso, inúmeros colegas e amigos seus, todos egiptólogos, colaboraram com a publicação, reafirmando de forma eloquente sua amizade e gratidão a Jaroslav Cerny.

A listagem que segue apresenta os nomes de egiptólogos que participaram da publicação, bem como os títulos de seus artigos:

Bruyère, Bernard (1879-1971): “Homage d’um vielamie”

Emery, Walter Bryan (1903-1971): “Tomb 3070 at saqqara”

Roccati, Alessandro (1941-): “Una lettera inédita dell’antico Regno”

Hans Goedicke, (1926-2015): “Four hieratic of the old kingdom”

Rudolf Anthes, (1896-1985): “Bamerkungen zu einigen problemen de Aegyptscen Grammatik”

Faulkner, Oliver (1894-1982): “The pregnancy of Isis”

Shott, Siegfried (1905-1938): “Schreiber und schreiberat im jenseits”

James, Thomas (1923-2009): “Na early middle-kingdom account”

Abd-el Mohsen Bakir (?): “The middle-kingdom Cairo letter a reconsideration”

John Gwynedd Griffiths (1911-2004): “The relative NTY with generic reference”

Heni Georges Posener (1906-1988): “Une stele de Hatnoub”

John Barns (1912-1974): “A new wisdom text from a writig-board in Oxford”

Silvio Curto (1919-2015): “News of kha and Meryt”

Ch. Desroches-Noblecourt (1913-2011): “La cuillette du a la fin de L’epoque amarniense”

Vandier, J. (1904-1973): “La statue d’um grand pêtre de Mendès”

J. R. Harris, (1968-): “How long was the reign of Horemheb?”

C. Aldred, (1914-1991): “Two monuments of thereign of Horemheb” (1968)

L. Habachi (1906-1984): “The owner of Tomb n° 282 in theban necropolis”

R. A. Caminos (1915-1992): “A fragmentary hieratic school-book”

S. Allam (1968-): “Sind Die Nichtliterarischen Schriftostraka Brouillons?”

H. Brunner (1913-1997): “Eine wiedergefundene agyptische”

- J. J. Clére (1906-1989) : “Deux statues gardiennes de porte d’époque ramesside”
- A. Théodoridés, (1911-1994): “Le Testament d’Imenkaou”
- I. E. S. Edwards, C. F (1968-): “Kenhikhopshef’s prophylactic charm”
- Charles F. Nims (1968-): “Second tenses in Nenamun”
- J. J. Janssen (1922-2011): “The smaller Dâklastela”
- Roslins Moss, (1890-1990): “Products of bibliography”
- George Robert Hughes (1968-): “A demotic plea to Toth in the library of G. Michaelides”
- Herman De Meulenaere (1923-2011): “La famille du roi Amasis”
- Michel Malinine (1968-): “Une livraison d’oies au domaine d’Amon” (Pap. Dém. Strasbourg n°2)
- A. F. Shore (1924-1994): “The sale of the house of Senkhonsis daughter of Phibis”
- T. C. Skeat and E. G. Turner (1968-): “The oracle of Hermes Trimegistros at Saqqara”
- Harry S. Smith, (1928-): “A note on Amnesty”
- E. Iversen (1909-2001): “Diodorus Account of the Egyptian canon”
- Kazimiwerz Michalowski (1901-1981): “The labyrinth enigma: archaeological suggestion”
- Giuseppe Botti (1968-): “Il libro del respirare e un suo nuovo esemplare nel papiro demotico N° 766 del Museo Egizio di Torino”
- Otto Neugebauer (1899-1990): “Two demotic horoscope”
- Herbert Walter Fairman (1907-1982): “On the origin of hmt...”
- Sergio Donadoni (2014-2015): “Due lettere copte da Antinoe”
- Hans Jacob Polotsky (1968-): “The ‘weak’ plural article in Bohairic”

E como é impossível aqui transcrever todas as suas manifestações a respeito de Cerny, selecionaram-se, na sequência, algumas das mais representativas.

Coube a Bernard Bruyere a apresentação do volume. Autor de 17 livros sobre o trabalho desenvolvido em Deir el Medina, Bruyère, em seu texto **Hommage d’un vieil ami**, ao qual já se fez referência, fala do amigo em tom comovido, razão pela qual se optou por transcrever suas sábias palavras (ver anexo 1).

Em sua apresentação, Bruyère saúda o amigo, lembrando que ele chegara há quarenta e três anos ao Egito; apresenta-o como o melhor estudante do maior egiptólogo do mundo oriental, o tcheco eslovaco Frantisek Lexa (1876-1960), que recebeu o prêmio nacional e mais alta distinção conferida a um homem de ciência.

Bruyère destaca também o conhecimento extraordinário de Cerny; o fato de ele ser um poliglota em uma época em que as pessoas eram nacionalistas; e sua capacidade de viver em coletividade, em companhia dos operários egípcios, quando a maioria dos estudiosos que lá chegavam eram individualistas e elitistas. Discorre sobre as difíceis condições do trabalho, todos amontoados nas grutas das necrópolis tebanas, e salienta o fato de Cerny haver se tornado o único intérprete capaz de fazer reviver a cidade antiga “dos *servidores do lugar da verdade*”.¹³

O polonês Michalowski relata em seu texto que sua amizade de muitas décadas com Jaroslav Cerny iniciou-se nas escavações das áreas de Deir el Medina e Edfu: “Ele mantinha fé com filologia, e eu com arqueologia. Este é o porquê, pela virtude de longo trabalho em arqueologia, que eu tomo a liberdade de dedicar-lhe as presentes sugestões arqueológicas” (BRUYÈRE, 1968, p. 221-222).

Dentre os diversos autores que escreveram sobre Cerny, destaca-se Georges Posener que, para homenageá-lo, apresentou a análise de uma estela – a de Hatnoub –, uma vez que, segundo ele, o egiptólogo tcheco celebrado poderia ser considerado um dos maiores especialistas no exame das estelas encontradas em Deir el Medina.

Fig. 3



Estela de Hatnoub

Parece haver uma impossibilidade de distinção, devido à persistência e dedicação de Cerny, entre sua vida pessoal e sua vasta e caleidoscópica obra. Além de ser arqueólogo e filólogo da maior competência, Cerny possuía alma de investigador, conferia emoção aos seus estudos sobre Deir el Medina: seus textos estão impregnados por um tom de vibração e contentamento pela descoberta, pelo desvelamento dos segredos escondidos nas areias do deserto.

Ele foi, segundo os parâmetros de Michel de Certeau, um verdadeiro historiador: aquele que segue pistas e reconstrói enredos a partir de pequenos indícios – no caso, os registros cifrados pelas escritas hieroglífica, hierática e demóticas antigas; aquele que sabia como ninguém articular distintas informações distantes pelo tempo, pelo espaço e, principalmente, pela linguagem.

A publicação de Hanna Navratilova (2010) confere a devida dimensão à produção de Jaroslav Cerny. Ela assinala que ele é mais conhecido como egiptologista exatamente pela sistematicidade que imprimiu aos estudos. Seu interesse pela filologia, ao contrário de muitos arqueólogos, foi-se desenvolvendo à medida que avançava em seu trabalho arqueológico e desvelava os contextos geográficos de suas descobertas.

Hanna explica que, muito embora Cerny tenha sido contemporâneo à formação da Escola dos Annales, seu contato com ela, se houve, ocorreu de forma indireta: seu olhar de historiador promovia uma integração entre o conhecimento geográfico, a cultura material e a cultura escrita, buscando uma visão histórica multidimensional.

Hanna Navratilova também atribui relevância à correspondência ainda não publicada de Cerny como fonte de um conhecimento que ela chama de “máquina social acadêmica”; enfatiza ainda a importância de suas reflexões de cunho arqueológico, epigráfico, através das quais ele vai desvelando os princípios de formação dos paradigmas da Egiptologia juntamente com as estruturas da bibliografia egiptológica anual ou bibliografia topográfica (MACKOVÁ JÚNOVÁ; ONDERKA, 2010, p. 14).

Cerny logo reconheceu o valor dos óstracos para o resgate da história do dia a dia. A valorização de suas descobertas e as análises dos óstracos foram materializadas pela criação.

Da (the Deir el-Medina Database, or Deir el-Medine Online,

see <http://www.leidenuniv.nl/nino/dmd/dmd.html> and <http://obelix.arf.fak12.uni-muenchen.de/cgi-bin/mmcgi2mmhob/mho-1/hobmain>), baseada nos estudos de Cerny, seguida de muitas outras publicações.

Ainda é preciso citar dois magníficos trabalhos *post mortem*, publicados por amigos de Cerny: o dicionário de neoegípcio; e o texto especificamente direcionado aos trabalhadores da vila, *A community of workmen at Thebes in the Ramesside period*, publicado pelo Instituto Francês do Cairo e organizado pelo respeitado egiptólogo francês Serge Sauneron (1927-1976) (SAUNERON, 1973), autor de cerca de duzentos livros e artigos sobre o tema.

Nesse volume colossal de 383 páginas, Sauneron reuniu uma soma extraordinária de descobertas realizadas por Jaroslav Cerny, bem como seus estudos de cunho filológico, coletados em toda sorte de fontes, por ele classificadas e manuseadas pessoalmente. Entre os signos mais importantes e exaustivamente analisados por Cerny, estão aqueles referentes às diferentes formas de denominação da vila dos trabalhadores. Poderia ser o *Lugar da Verdade* ou *O lugar da Eternidade*, como segue, na escrita e linguagem que ele ajudou a entender (CERNY, 1973, p. 78):



Na XXVI dinastia, o hierático gradualmente foi perdendo espaço em favor do demótico, empregado pelos escribas treinados no Delta, o que abriu lugar para os especialistas em demótico.

Para finalizar, vale lembrar, mais uma vez, que este trabalho, para além de homenagear Cerny, é dedicado àqueles que, como Jirina Ruzova, biógrafa de Jaroslav Cerny, resguardam e publicizam sua produção. Cabem agora agradecimentos por seu acolhimento na Charles University of Praga e pela introdução na bibliografia e no mundo de Cerny. Somente graças ao seu auxílio foi possível a compilação das referências contidas neste trabalho.

Sítios eletrônicos

DEIR el Medina: el pueblo sin nombre. Website Egypt Circe. Disponível em: <<http://www.egypt-circe.com/article-deir-el-medina-el-pueblo-sin-nombre-80128395.html>>. Acesso em 12 mar. 2018.

Referências bibliográficas

BAKOS, M.M. A vila de Deir el Medina. **Anais da XV Jornada de Estudos do Oriente Antigo**, Porto Alegre, 2009.

_____. Contribuições aos estudos de egiptologia na República Tcheca e ao conhecimento do cotidiano os operários em Deir el Medina. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 153-169, 2012.

_____. Deir el Medina: cartas veladas pelas areias. In: _____. et alii (Org.). **Diálogos com o mundo faraônico**. Rio Grande: FURG, 2009.

_____. **Fatos e mitos do antigo Egito**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUC, 2001.

_____. Relações familiares em Deir el Medina. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 153-169, 1995.

BIERBRIER, M.J. **Who was who in egyptology**. London: Egypt Exploration Society, 1995.

BRUYÉRE, B. Hommage d'un vieil ami. **Journal of Egyptian Archaeology**, Londres, p. 221-222, 1968.

_____. **Les fouilles de Deir el Mèdineh (1922-1923)**. Cairo: L'Institut Français D'Archéologie Orientale, 1924.

CERNY, Jaroslav. **A community of workmen at Thebes in the Ramesside period**. Cairo: Institut Français d'Archeology Orientale du Caire, 1973. (póstumo)

_____. **A late Egyptian grammar**. Roma: Grol, 1950.

_____. Deir el Medina: el pueblo sin nombre. **Website Egypt Circe**, 1981. Disponível em: <<http://www.egypt-circe.com/article-deir-el-medina-el-pueblo-sin-nombre-80128395.html>>. Acesso em 12 mar. 2018.

_____. L'identité des serviteurs dans "La place de vérité" et des ouvriers de la Nécropole Royale de Thèbes. **Revue de l'Egypte Ancienne**, Paris, v. II, p. 200-209, 1928.

_____. Um testamento materno em tempos faraônicos. The wills of a mo-

ther in the age of the Pharaoh. **Justiça e História**, Porto Alegre, v. 2, p. 1-15, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DAVIES, S. **Who's who at Deir el-Medina**: a prosopographic study of the royal workmen's community. Leiden: Brill, 1999.

HARING, B. In life, prosperity, health! Introductory formulae in letters from the Theban necropolis. In: KESSLER, D. et alii. **Texte – Theben – Tonfragmente. Festschrift für Günter Burkard** (Ägypten und Altes Testament 76). Wiesbaden: Harrassowitz, 2009, p. 180-191.

JANSEN, J. **Village Varia**: ten studies on the History and administration of Deir el Medina. Leiden: Nederlands Instituut Voor Nabije Oosten, 1997.

KELLER, C. **The painters of Deir el-Medina in the Ramesside period**. (Dissertation) Berkeley: University of California, 1971.

MACKOVÁ JŮNOVÁ, A.; ONDERKA, P. Selected letters of Jaroslav Cerny to Alan Henderson Gardiner. **Crossroads of Egyptology** [containing the Papers of the Egypt and Austria VI Conference], 1950.

MONICA, M. D. **La classe ouvrière sous les pharaons**: étude du village de Deir el Medineh. Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient, 1973.

NAVRÁTILOVÁ, H. **Selected Letters of Jaroslav Cerny to Alan Henderson Gardiner**. Oxford: The Griffith Institute Archive, University of Oxford, 2010.

ONDERKÁ, P.; PAVEL, A. (Eds.) **Crossroads of Egyptology**. The Worlds of Jaroslav Černý. Praga: National Museum, 2010.

REDFORD, D. **Egyptology and the social sciences**. Five studies. Cairo: American University, Cairo Press, 1934.

_____. **Proceedings of The Eight International Congress of Egyptologists**. Cairo, 2000.

_____. The historiography of Ancient Egypt. In: WEEKS, K. (Org.) **Egyptology and the Social Sciences**. Cairo: American University in Cairo, 1979, p. 19.

RUZOVA, I. **The scribe of the place of the truth**. Prague: Nakladatelství, 2010.

_____; NAVRÁTILOVÁ, H. Yaroslav Cerny (1898-1970): egyptologist, diplomat and traveller. In: MACKOVÁ, A.; ONDERKÁ, P. (Orgs.) **Crossroads of egyptology**: the world of Jaroslav Cerny. Praga: National Museum, 2010.

SUBARA, C. *Deir el Medina: El pueblo sin nombre*. Disponível em: <<http://www.egypt-circe.com/article-deir-el-medina-el-pueblo-sin-nombre-80128395.html>>. Acesso em 16 out. 2012.

TOSI, M.; ROCCATI, A. *Stele e altrepigrafi di Deir el Medina*. Torino: D'Arte Fratelli Pozzo, 1972.

WENTE, E. *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta: Baurke O. Long, 1990.

ZIEGLER, C. *Os artesãos dos faraós*. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2012.

Notas

¹ As origens da egiptologia tcheca fundam-se no trabalho de três grandes pesquisadores: Frantisek Lexa (1876-1960), Jaroslav Cerny (1898-1970) e Zbynek Zaba (1917-1971). Em 1949, eles promoveram, em Praga, um International workshop em egiptologia e uma grande exposição no Náprstek Museum.

² O nome arábico *Deir el Medina* (O mosteiro da cidade) refere-se a uma povoação cóptica com uma igreja e um mosteiro (COQUIN; MARTIN, 1991), situada às margens da antiga cidade cóptica de Djeme. A igreja foi instalada nas ruínas de um templo em homenagem à deusa Hathor, construído por Ptolomeu IV, Philopator (221-205 a.C), e seus sucessores (BIERBRIER, 1982, p. 121), os gregos, usaram o nome (Ta) Memnomeia para se referirem à área (VERNETH, 2008, p. 301).

³ Eugeni Bogoslovsky (1941-1990), ligado ao Museu de Hermitage, tinha como foco principal de seu interesse a comunidade de Deir el Medina: escreveu inúmeros artigos e publicou um levantamento topográfico sobre o lugar. Sua monografia em russo denomina-se *Servos dos faraós, deuses e pessoas privadas* (BIERBRIER, 1982, p. 200).

⁴ Niccolo Francesco Ippolito Baldessare Rosellini (1800-1843) é considerado o fundador da egiptologia na Itália, onde conheceu Champollion e chefiou a delegação toscana na expedição ao Egito do sábio francês (1828-1890).

⁵ Nestor Hippolyte Antoine l'Hôte (1804-1842) foi um egiptólogo francês, artista e explorador. Publicou centenas de rascunhos e desenhos sobre o Egito e seus monumentos.

⁶ Descobridor da tumba do arquiteto Kha e de sua esposa Meryt (MELLO, 1990).

⁷ A necrópole ocidental começou a ser ocupada, em sua porção central, com a construção de tumbas de maiores proporções em relação àquelas localizadas em Gour-

net Murai. As tumbas eram individuais e incluíam poços sem ordem aparente (...) os portais de tais tumbas não necessitavam de terraços, e a capela era edificada com materiais dispostos de forma a manter a forma da própria montanha. Essas tumbas ocuparam uma área próxima ao muro de tijolos que circundava a vila, construído por Tothmés I. Essa área foi reconhecida a partir de 1933 por Bruyère (SANTOS, 2011, p. 160).

⁸ Historiadora, reconhecida egiptóloga, membro da Société Française d’Égyptologie, graduada na Ecole du Louvre.

⁹ Jaroslav Cerny nasceu na cidade de Pilsen, em 22.08.1898.

¹⁰ Cerny obteve uma bolsa de estudos de dois anos para estudar os óstracos em hierático no Museu do Cairo (BIERBRIER, 1995, p. 89).

¹¹ Informa Janssen sobre as greves em Deir el Medina, ocorridas no ano 29 de Ramsés III, nas quais havia mais *walkouts* e demonstrações do que *strikes* no sentido moderno (ib.158). Para o vizir To, nomeado vizir do Alto e aixo Egito, era impossível cuidar, como gostaria, das duas partes, e como ele estava ausente de Tebas e era o mais importante Mayor, enviou para lá dois responsáveis: o chefe, o policial Mentumose, aceitou ficar, no terceiro dia da greve, como interlocutor e líder dos trabalhadores (JANSEN, 1997).

¹² Poucas e seletas cartas de Jaroslav Cerny, arquivadas em Oxford, foram analisadas e publicadas por Hanna Navrátilová. Esta é uma das mais expressivas no que tange às relações de trabalho e de confiança mútua existentes entre emissor e receptor (p. 37).

¹³ O grifo é do autor (BRUYÈRE, 1968, p. 221-222).